

**Feminicídio e Violência contra as mulheres: uma análise de discurso de narrativas
ocorridas durante a pandemia de Covid-19, no portal de notícias GZH do Rio
Grande do Sul**

**Eixo Temático 33 - Sobre as Múltiplas Violências contra Mulheres e o Feminicídio:
Políticas Públicas de Prevenção e Enfrentamento**

Marislei da Silveira Ribeiro¹
Luíza Carvalho Mattea²

RESUMO

Este trabalho discute os discursos produzidos por quatro notícias publicadas no portal de comunicação online GZH sobre casos de violência doméstica e feminicídio ocorridos no Rio Grande do Sul no período da pandemia de Covid-19. Dessa forma, é determinante verificar os efeitos de sentidos produzidos pela mídia ao representar a mulher e como são discutidas pela imprensa as temáticas de violência de gênero, problematizando o papel do jornalismo nos debates acerca do assunto. Nesse sentido, foi realizada uma categorização das notícias publicadas pelo veículo entre março de 2020 e março de 2021, por meio da metodologia da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e Guerra (2014). Também, a Análise de Discurso de Orlandi (2009), para entender as Formações Discursivas presentes nos textos.

Palavras-chave: Feminicídio; Análise de Discurso; Portal de Notícias GZH.

INTRODUÇÃO

Mesmo sendo o ano 2022, as diferenças entre homens e mulheres ainda ultrapassam as questões biológicas. Essas desigualdades se manifestam de diferentes formas em diferentes escalas na sociedade. A violência doméstica é outro tema que cada vez mais assume destaque nas pautas sociais e provoca questionamentos sobre às reivindicações em busca de igualdade de direitos. Numerosos direitos ainda são negados às mulheres

¹ Pós-Doutora em Estudos Culturais. Departamento de Línguas e Cultura. Universidade de Aveiro/Portugal. Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAMECOS-PUC/RS. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: luizamattea@gmail.com

(BIROLI, 2018), mesmo numa esfera efetivamente democrática, como é o caso do Brasil. Embora, nem sempre adequadamente compreendida, as experiências cotidianas de desrespeito a violência, atrelados aos desafios impostos, acabam perpassando questões culturais, sociais, políticas e econômicas. Isso significa reconhecer que, apesar dos avanços obtidos pelos movimentos feministas ao longo dos anos, as mulheres ainda são representadas na sociedade por meio de estereótipos que reforçam a ideia de submissão ao homem. Assim, inseridas em uma cultura patriarcal e machista, diversas mulheres são vítimas de violência todos os dias, resultando em índices alarmantes no país.

Conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, no início de 2020, o Brasil registrou 105.821 denúncias de violência contra a mulher³. Além disso, em 66% dos casos de agressão e em 58% dos casos de feminicídio, os autores do crime eram companheiros ou mantinham algum relacionamento afetivo com a vítima.⁴ Apenas entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de covid-19 no país, e dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino⁵. Nesse sentido, mulheres que já estavam inseridas em um contexto violento se tornaram ainda mais vulneráveis por conta do maior contato com o agressor, decorrente da recomendação de isolamento social como forma de conter o agravamento da doença. Assim, em função da necessidade do distanciamento social, houve, também, falta de medidas de enfrentamento à violência doméstica, já que muitas dessas vítimas se encontraram mais confinadas com seus agressores durante o período de quarentena. Em vista disso, a mídia passou a noticiar casos de violência doméstica e, principalmente, feminicídio com mais frequência.

A partir disso, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar o discurso do portal de notícias GZH nos casos de feminicídio ocorridos no Rio Grande do Sul no período

³ Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>>

⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/07/brasil-teve-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020-pandemia-e-fator-diz-damares.ghtml>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

⁵ <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

do da pandemia de Covid-19. Tendo em vista que o foco da análise é o RS, a escolha do veículo foi feita por se tratar de uma dos maiores jornais do estado, destacando conteúdos relevantes e de importância social. O *corpus* dessa pesquisa se constitui por quatro notícias veiculadas no portal de comunicação GZH que tratam de maneira detalhada o feminicídio, contemplando a relação entre homem e mulher. As notícias analisadas têm como título, respectivamente: “Homem que matou ex-mulher em Gravataí estaria inconformado com separação”; “O foco dele era a Luíza, não conseguia se concentrar em outra coisa”: diz mãe de jovem de 22 anos assassinada pelo ex-namorado no Alto Petrópolis”; “Do trabalho como atriz pornô ao vício em drogas: a história da mulher encontrada morta em Novo Hamburgo”; e “Mãe de jovem que teve corpo esquartejado conta que namorado não deixava filha estudar e trabalhar”.

Dessa forma, foram utilizados os conceitos empregados pela Análise de Discurso sob a perspectiva de Orlandi (2009). Essa metodologia busca entender o sentido do texto não apenas analisando a linguagem utilizada mas, principalmente, a relação entre a ideologia e a construção social do discurso. Assim, a principal intenção da pesquisa é evidenciada pela possibilidade de analisar o dito, o não-dito, o interdiscurso, a produção de sentidos e as construções ideológicas. Em vista disso, foi possível analisar a forma como o jornal vem informando sobre o tema e como a mídia representa a imagem da mulher, nas reportagens, com o uso de estereótipos que a retratam como submissa ao homem, legitimando a violência com base nos comportamentos e escolhas da vítima.

METODOLOGIA

Para realizar o mapeamento e classificar as notícias encontradas, no recorte de matérias do primeiro ano de pandemia, de 11 de março de 2020 a 11 de março de 2021, foram utilizadas as contribuições da Análise de Conteúdo, que “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p.31). Consiste num método objetivo e lógico que possibilita classificar os elementos da mensagem, visando “introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente” (BARDIN, 1977, p. 37).

Guerra (2014) explica que o primeiro passo da Análise de Conteúdo é o estabelecimento de uma tipologia, que compreende a organização do material recolhido. Assim, a metodologia foi utilizada por meio da análise de tipologias por semelhança que,

segundo Guerra (2014, p.78), “consiste em reagrupar por critérios de proximidade de conteúdo (os sujeitos, os fenômenos, as opiniões, etc.) em agrupamentos exclusivos, isto é, as dimensões não são cumulativas”.

Nessa linha de pensamento, foi possível encontrar 77 matérias no total, sendo 20 sobre o cenário de feminicídio no estado durante a pandemia de uma maneira geral e 57 sobre algum caso que ocorreu ao longo do período. Como critério de seleção do corpus da pesquisa, buscou-se por conteúdos mais aprofundados sobre o crime, que destacassem, principalmente, a relação entre vítima e agressor, levando-se em consideração as particularidades de cada caso apresentado.

De posse da coleta, por categorização, a Análise de Discurso foi escolhida como critério metodológico, a fim de observar o discurso empregado pela GZH em casos de feminicídio. Conforme Benetti (2007), para empregar esse método é preciso elaborar as Formações Discursivas de acordo com o sentido principal dos textos. Orlandi (2009) destaca que a Análise de Discurso busca entender como um objeto simbólico produz sentidos por e para os sujeitos. São os próprios indivíduos que estabelecem sentido aos objetos e a interpretação do discurso dependerá das experiências vividas por cada sujeito envolvido no processo, expressando valor social. Nessa ótica, Benetti (2007) complementa que, no texto jornalístico, a objetividade é apenas uma ideia do profissional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Concepções sobre Gênero e Violência

No conjunto dos movimentos teóricos plurais, o termo gênero costuma ser incorporado e utilizado de duas maneiras. Por um lado, gênero vem sendo usado com um conceito contrastante ou complementar à noção de sexo biológico, ao referir-se aos traços de personalidade, atitudes e comportamentos que as culturas determinam aos corpos sexuados. Conforme essa abordagem parte-se do pressuposto de que a sociedade e a cultura agem sobre uma biologia humana que as antecedem. Ao questionar a distinção entre sexo e gênero empregada pelo feminismo, em que o primeiro corresponderia à questão biológica e o segundo ao domínio sociocultural, Butler (2003) destaca ambos como uma construção social, na qual estão sempre se relacionando. Isso porque seria impossível separar corpo e mente, pois se tratam de construções feitas ao longo da vida,

as quais são baseadas nos códigos vigentes na sociedade. Portanto, o gênero é um dos eixos centrais que organizam as experiências no mundo social. Com relação a violência de Gênero, um estudo da Organização Mundial da Saúde de 2002⁶ retrata que os múltiplos tipos de violação à integridade e à dignidade humana das mulheres podem ocorrer de maneira combinada. O dossiê destaca como a violência de gênero é um dado de interesse público, ao mesmo tempo que desperta interesse do público.

No que tange aos estudos de mídia, a representação da mulher na mídia ainda vem ocorrendo de forma similar, reduzindo-a, na maioria das vezes, a personagem coadjuvante. Em comerciais, anúncios ou programas de televisão, a figura feminina é sempre utilizada para chamar a atenção do consumidor, insinuando-a como um produto comercial. Retratadas como belas, jovens, delicadas e sensíveis, as mulheres são objetificadas e cada vez mais forçadas a aderirem um modelo de beleza padronizado, que as violenta desde muito cedo (MORENO, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao explorar as matérias e suas características específicas, verificou-se que, de uma maneira geral, as narrativas do veículo estão inseridas em uma memória discursiva que remete ao contexto sócio-histórico da submissão da mulher, determinado pela cultura patriarcal. Como resultado, foi possível observar que os textos produzem sentidos que abordam o crime de gênero como um episódio isolado de passionalidade, resultado dos comportamentos e escolhas da mulher. Ao contrário do que se espera de uma narrativa jornalística, principalmente tratando-se de uma temática de grande relevância social, os conteúdos não são produzidos com o intuito de informar a sociedade sobre o que caracteriza a violência doméstica e o feminicídio, bem como as formas de denúncia e punição para o crime. Apesar de todas as reportagens apontarem o crime como feminicídio, situação em que a morte ocorre em decorrência do gênero, o jornal ainda produz discursos que repercutem um sistema que privilegia os homens e suas vontades, expondo a mulher como submissa e dependente da figura masculina. Por meio de formações discursivas que colocam em prova a índole feminina, questionando elementos como sua profissão e suas escolhas, a narrativa reforça uma ideologia que oprime e controla as

⁶ Disponível em <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobreviolencia-e-saude.pdf> . Acesso em: 25 jul. 2021

mulheres, evidenciando que, até mesmo quando são assassinadas, carregam parcela significativa da culpa. Em todo discurso, o enunciador é capaz de prever a forma que a pessoa que está recebendo a mensagem vai interpretá-la. Assim, no caso do jornalista, dependendo do seu público e do sentido que deseja transmitir sobre determinado acontecimento, é escolhida uma maneira de falar. Isso ocorre em virtude de discursos que, ainda hoje, reforçam os estereótipos em torno da imagem feminina, objetificando e desvalorizando a mulher. Além disso, ao falar sobre violências mais sutis e implícitas, os jornalistas optaram por não tipificar o crime, como no caso da violência psicológica, contribuindo ainda mais com um cenário de subnotificação dos casos. Um exemplo dessa situação pode ser visto no trecho “passou a buscar formas de humilhá-la, procurando defeitos e dizendo que a jovem estava engordando”, presente na segunda matéria. Mesmo que se trate de um crime praticado pelo homem, as matérias ainda buscam explorar na narrativa elementos como detalhes da cena do crime, da aparência da mulher, de sua conduta pessoal e, principalmente, do seu passado. Nota-se que as escolhas realizadas pela mulher ao longo de toda a sua vida, mesmo que não tenham a mínima relação com o ato para serem debatidas nesse contexto, são expostas como forma de fundamentar a agressão. Nesse sentido, a mídia é um importante espaço de disseminação de ideias e princípios, operando como um elemento de formação da opinião pública. Por funcionar como modeladora de condutas e orientar as escolhas dos sujeitos, o jornalismo atua como propagador de valores e determina padrões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a análise realizada serviu para aprofundar este trabalho e suscitar vários questionamentos e alternativas de respostas quanto ao estudo de gênero, feminicídio e violência contra as mulheres, especialmente a do veículo analisado. Por conseguinte, o dispositivo midiático utiliza a estratégia de amparar seu discurso em temas atuais. Por isso, é relevante destacar que a seleção do corpus da pesquisa levou em consideração matérias que aprofundaram o crime e evidenciaram a relação entre vítima e agressor. O intuito foi justamente entender como a mulher era representada e qual o discurso por trás de sua imagem. Nos casos analisados, as narrativas foram construídas visando mostrar que a vítima não agiu conforme os padrões esperados pela sociedade,

comportando-se de maneira inadequada para o seu gênero. Ao focar em características relacionadas à figura feminina, o discurso suavizou os comportamentos do agressor, realizando um processo de humanização e apagamento de suas atitudes. Dito isso, pode-se afirmar que o jornalista evidenciou elementos que inferiorizam a mulher, mostrando que ela provocou ciúme no agressor ou rompeu o relacionamento amoroso entre eles, compactuando com a banalização da violência e contribuindo com seu agravamento.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BENETTI, M. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.
- BIROLI, F. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA**. Anuário brasileiro de segurança pública. Ano 14. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/anoario-brasileiro-seguranca-publica/>>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- GUERRA, I. C. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso**. Cascais - Portugal: Principia, 2014.
- MARQUES, E. S. (et al). **A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento**. Cadernos de Saúde Pública, v.36, n. 4, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-311x2020000400505script=sci_arttext>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- MORENO, R. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.